

# Proposta de Shultz é vista com reservas

Porto Alegre — «O que é bom para o senhor George Shultz, secretário de Estado dos Estados Unidos, pode não ser bom para o Brasil», disse ontem o presidente da Federação das Indústrias do Estado (Fiergs), Luis Octávio Vieira, referindo-se à proposta de Shultz na 14ª Assembléia-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), de transformação das dívidas externas dos países em desenvolvimento em capital de risco.

— A proposta do sr. Shultz deve atender aos interesses do seu país, mas não posso avaliar precisamente quais os prejuízos que traria às empresas brasileiras — acrescentou Luis Octávio Vieira —, lembrando que a recessão econômica deixou o empresariado nacional em situação frágil diante do capital estrangeiro.

## Vidigal

A tese defendida pelo secretário de Estado, George Shultz, é uma proposta que deve ser considerada, desde que os credores se disponham a participar

do capital de todas as companhias estatais com débitos externos e não apenas daquelas consideradas de primeira linha, afirmou ontem o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho.

## Garnero

O presidente do Grupo Brasilinvest, Mário Garnero, defendeu ontem a sugestão do secretário de Estado americano, George Shultz. O apoio à proposta foi dado após audiência com o presidente Figueiredo, no Palácio do Planalto.

O que acontece hoje, segundo Garnero, «é que as empresas estrangeiras, devido à inflação interna, preferem aplicar recursos no Brasil sob a forma de empréstimos e não de capital de risco, devido à rentabilidade dos juros internacionais».

Acrescentou que a idéia de Shultz, no caso brasileiro, «significa a possibilidade de transformar em investimentos praticamente um terço do serviço da dívida.